



Reflexões sobre as versões de Karate em uma cidade metropolitana de São Paulo

Reflections on the versions of Karate in a metropolitan city in São Paulo

Juliana A. de Oliveira Camilo

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Katia Rubio

Universidade de São Paulo

Resumo

O presente artigo insere-se em um estudo amplo que pleiteia entender os sentidos das lutas corporais em uma cidade metropolitana do estado de São Paulo. Para isso, elegemos a cidade de Cotia, que possui realidades díspares em âmbito socioeconômico e demográfico. Como parte deste projeto, este artigo visa identificar as versões de Karate que circularam em diferentes práticas do cotidiano da cidade, entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019. Como aproximação teórico-metodológica, buscamos aporte na teoria ator-rede em diálogo com a Psicologia Social de cunho construcionista. Foi possível identificar três versões de Karate sendo performadas neste local: como uma modalidade competitiva, como uma prática para a vida (Budô), e como uma oportunidade de ordem mercadológica. A pesquisa sugere que não há um tipo único de Karate, homogêneo, estável e permanente, mas que ele é múltiplo, produto das práticas em que está envolvido.

Palavras-chave: Psicologia Social; Psicologia do esporte; Artes Marciais; Construcionismo Social

Abstract

This article is part of a broad study that seeks to understand the meanings of combat sports in a metropolitan city in the state of São Paulo. For this, we chose the city of Cotia, which has disparate socioeconomic and demographic realities. As part of this project, this article aims to identify the versions of Karate that circulated in different practices of the daily life of the city, between the second half of 2018 and the first half of 2019. For our theoretical-methodological approach, we will be using the actor-network theory in conjunction with constructionist social psychology. It was possible to identify three versions of Karate being performed at this location: as a competitive modality, as a practice for life (Budô) and as an opportunity. Research suggests that there is no single type of karate – homogeneous, stable and permanent – or different perspectives on it, but that it is multiple, a product of the practices in which it is involved.

Keywords: Social Psychology; Psychology Sports; Martial Arts; Social Constructionism

INTRODUÇÃO

A atuação em Psicologia da Esporte parte do entendimento do fenômeno esportivo, das diferentes modalidades, suas relações de poder, materialidades e sociabilidades. É nesse sentido que o presente estudo versa sua principal contribuição, ao encarar as múltiplas práticas que tornam uma modalidade única, levando os diferentes praticantes e profissionais envolvidos, para a necessária e constante reflexão sobre o seu fazer.

Estamos aqui no reduto da Psicologia Social do Esporte (Rubio & Camilo, 2019) e, como tal, partimos do questionamento e da desfamiliarização de uma modalidade de combate, bastante conhecida em solo brasileiro, o Karate, a partir das práticas presentes em uma cidade metropolitana da cidade de São Paulo - Cotia. Entendido como parte da cultura corporal do país e, inserido em diferentes territórios com diferentes condições socioeconômicas, o Karate é uma modalidade de combate que, na sua origem, foi permeado por princípios filosóficos e religiosos, até a chegada nos dias atuais como um esporte moderno e secularizado (Oliveira et al., 2019).

No Karate, espera-se que o praticante mantenha a mente distante do egoísmo e da maldade, devendo buscar a pureza de pensamentos, reagindo apenas quando em ameaça (Barreira, 2014). Tem-se aqui o significado filosófico do sufixo "Kara" (vazio) e Tê (Mão), da palavra Karatê, que significa a ausência de pensamentos destrutivos ou inferiores, significando também, a Arte de Lutar com as mãos vazias.

Desenvolvido sob a influência de diversas culturas, em especial da japonesa e chinesa, o Karatê-Dō se tornou uma disciplina híbrida, multicultural e pluritemática (Camps & Cerezo, 2005). É composto por cerca de 60 estilos diferentes, que são ramificações da prática, com distintas origens, histórias, mestres e especificidades de movimentos (Frosi & Mazo, 2011). Seu conjunto de valores também representa essa pluralidade, pois se alicerçou a partir dos ideais de inúmeros mestres antigos e modernos (Lopes Filho, 2013).

Sua chegada ao Brasil coincide com os imigrantes japoneses que se estabeleceram após a Segunda Guerra Mundial. Foi a partir de 1955, em São Paulo, que se estabeleceu a primeira academia de Karate, a partir do estilo Shōtōkan (www.karatedobrasil.com, recuperado em 15, maio, 2019). Já o estilo Shorin-ryu, seguido pelas academias e atletas que acompanhamos nesta pesquisa, chegou ao Brasil em 1954, junto com Yoshihide Shinzato. Uniu inicialmente, os imigrantes japoneses (especialmente os oriundos da ilha de Okinawa), na cidade de Santos/SP. O estilo Shorin-ryu começou a ganhar notoriedade a partir de 1962, quando o mestre Shinzato fundou a primeira academia do estilo e quando

realizou uma demonstração pública de Karate no Parque do Ibirapuera, em São Paulo (<http://shinshukan.com.br>, recuperado em 10, junho, 2019).

Outro fator marcante na história e na disseminação do Karate no Brasil aparentemente se deve aos filmes com menção às artes marciais, entre as décadas de 1960 e 1970, com o Kung Fu de Bruce Lee, Jack Chan e Jet Li, seguido pelos filmes com técnicas de Karate, como os protagonizados pelos atores Jean Claude Van Damme, Ralph Macchio e Noriyuki “Pat” Morita, entre as décadas de 1980 e 1990 (Oliveira et al., 2019).

Ao longo dos tempos o Karate foi então se transformando em tema fértil não só para o cinema, mas também para programas de televisão, revistas em quadrinhos, desenhos animados, livros, contos e jogos digitais. Todos influenciando de alguma forma, em cada uma das suas manifestações, na construção do Karate, em diferentes camadas sociais.

Para buscar a compreensão do que vem a ser esta modalidade na cidade estudada, partimos do construcionismo social como aporte epistemológico, tendo ainda a conexão direta com a Teoria Ator-Rede. Nesta vertente de pensamento temos, ontologicamente e epistemologicamente, a compreensão de que as realidades são múltiplas e construídas em práticas, a importância dos humanos e dos não-humanos nessa construção, a ruptura com as dicotomias interior-exterior, sujeito-objeto e mente-corpo (Camilo & Spink, 2019). Neste interim, tanto as pessoas quanto os objetos criam realidades e estabelecem redes de conexões, constituindo-se como mediadores das associações sociais, o que abala a tradicional divisão entre ação humana e causalidade material (Latour, 2000).

Desta forma, os objetos (elementos não-humanos) não estariam reduzidos ao domínio da passividade, sob o domínio dos humanos, mas sim atuantes em uma relação de simetria na produção do conhecimento (Latour, 2012). Com isso, as versões de realidades que são produzidas e rearranjadas no cotidiano, não são apenas dispositivos discursivos, mas sim produtos de materialidades e sociabilidades (Law & Mol, 2008).

Segue-se, deste modo, uma ontologia empírica, em que os diferentes elementos possuem sentidos à medida que se inserem em práticas (Cordeiro & Spink, 2013; J. Law & Mol, 2008). Dito de outro modo, o objeto adquire existência e sentido apenas quando uma rede razoavelmente estável de humanos e não-humanos também existir. Desta forma, um objeto continuará a ser o mesmo enquanto tudo permanecer no mesmo local, razoavelmente de modo estável. Se de algum modo o circuito for quebrado, o objeto perderá a sua forma e mu-

dará sua configuração. Tem-se assim a compreensão de relações múltiplas, de realidades construídas e reconstruídas nas diferentes práticas do cotidiano.

Aqui se faz imprescindível a diferenciação entre a multiplicidade e a diversidade. Na diversidade, o objeto permanece único e estável, o que pode mudar são olhares sobre ele, apontando para um perspectivismo, ou várias visões sobre o objetivo, que não se articulam necessariamente entre si. Enquanto que na multiplicidade, é o objeto que passa a existir de modos distintos, *a posteriori* das inúmeras práticas que o fazem ser de modos particulares, independente dos olhares que os humanos possam ter ele. Na multiplicidade os objetos não estão totalmente desconectados, pois, sempre há algo que os une. Tal como aponta Annemarie Mol (2002), na multiplicidade, tem-se o que é diverso e ao mesmo tempo singular, como um objeto fractal (Mol, 2002).

Nesta lógica, dizer que o Karate é uma modalidade múltipla extrapola os limites da história narrada por mestres, seguidores, livros e blogs. Ao compreendê-lo como uma modalidade múltipla somos endereçadas as suas complexas versões, localizadas em práticas, que consideram o tempo longo da história, mas que agregam elementos do cotidiano local, do contemporâneo e do inusitado.

METODOLOGIA

Este estudo se insere em uma pesquisa ampla que pleiteia entender os sentidos das lutas corporais em uma cidade metropolitana do estado de São Paulo. Assim, a pesquisa aqui apresentada, traz parte das interações estabelecidas, na qual foi possível tecer articulações. Ao buscar uma cidade que pudesse refletir as inúmeras disparidades econômicas, demográficas e sociais e com tradição nas lutas corporais, dentre elas o Karate, chegamos até a cidade de Cotia.

Neste local há a urbanidade de condomínios fechados e luxuosos, como o bairro da Granja Vianna, territórios com moradias precárias, permeado por desigualdades sociais e violências, como os bairros Parque Manuel Mirizola e Lajeado e, distribuídos ao longo de seu território, condomínios menores e horizontais, com casas voltadas para o público de padrão médio, como os bairros Bosque Capuava e Jardim Belizário. É uma cidade com polos industriais, comércios de pequeno e médio porte e área agrícola, administrada sobretudo pela comunidade japonesa.

Para compreender o que é o Karate e, assim, abrir espaço para o entendimento denso sobre os sentidos das lutas corporais para seus praticantes, a primeira autora deste artigo frequentou durante o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019, academias de Karate da cidade. Seguiu-se aqui a inspiração etnográfica utilizada por Bruno Latour (2000), Annemarie Mol, 2008; John

Law e Annemarie Mol (2008), com distintas estratégias, tal como a observação participante e as conversas (espontâneas ou intencionalmente estimuladas). Para ordenar o material coletado durante as interações utilizamos um diário de campo, no qual continha data, ação que ocorreu no dia, as interações e os humanos e não-humanos presentes. Esta conduta é chamada por Bruno Latour (2012) de "descrição densa".

Entende-se, que a realidade é uma construção, e a pesquisa, produto relacional dos atores. Uma pesquisa nunca é neutra e implica escolhas, já que não se pode apreender todas as complexidades ou estar em todos os lugares. Assim, as eleições que serão feitas nesse estudo são entendidos como parte fundamental de nossas interações, de nossas eleições e nossos posicionamentos políticos (Latour, 2012; Law, 2007; Mol, 1999). De igual importância, é fundamental dizer, que os relatos textuais aqui apresentados não possuem "interpretações", já que a concepção é de que a descrição possa falar por si só e que, se precisar ser explicada, não será uma boa descrição (Latour, 2012). Por esta razão, as versões de Karate aqui descritas foram problematizadas depois das práticas em que foi possível acompanhar, contando ainda com leituras e releituras das descrições das conversas e observações contidas no diário de campo.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo.

RESULTADOS

Apresentaremos aqui o acompanhamento de aulas convencionais para alunos com diversos graus de formação (do iniciante até o graduado - faixa preta), treinamentos para competição, aulas "especiais", consideradas deste modo em função do *sensei* principal ser o responsável por ministrar técnicas específicas para praticantes já experientes e graduados e rotinas da academia sem aulas, entre o segundo semestre de 2018 e o primeiro semestre de 2019. As descrições das práticas que acompanhamos sugeriram que o Karate foi performando como: (a) modalidade de competição; (b) modo/estilo de vida (Budô) e; (c) como uma oportunidade.

Karate competição

Para Emerson Franchini e Fabrício Boscolo Del Vecchio (2012) o Karate, enquanto modalidade esportiva de combate (MEC), mantém interface com as lutas (L) e com as artes marciais tradicionais (AM) mas é, enquanto MEC, uma forma "esportivizada", especialmente no que diz respeito à preparação física, técnica e tática de atletas, bem como a sua gestão. Como tantas outras modalidades esportivas segue as características básicas do Esporte Moderno, tal co-

mo preconizou Allen Guttmann (1978): 1) secularização; 2) igualdade de chances; 3) especialização dos papéis; 4) racionalização; 5) burocratização; 6) quantificação; 7) busca do *record*.

Esse processo de esportivização também é percebido como ocasionado por forças mercadológicas, seguida pela pressão do Comitê Olímpico Internacional (COI) em exigir certas mudanças nas competições de Karate, para sua inclusão nos Jogos Olímpicos de Tóquio em 2020. Os elementos exigidos pelo COI, como o uso de protetores, estabelecimento de regras padronizadas para todos os estilos e a prática de exercícios formais pelos atletas (que antes eram permitidos a poucos mestres de graduação avançada) foram adotadas mesmo após protestos dos defensores do Karate tradicional, não competitivo (Frosi & Mazo, 2011).

Com isso o Karate voltado a competição se configurou, em uma manifestação cultural característica de nosso tempo, com uma faceta esportiva administrada pela World Karate Federation (WKF), onde há competições em todas as partes do mundo com regras uniformizadas. Tal esportivização remodelou os três aspectos característicos e fundamentais do Karate (Budô), espiritualidade, técnica e estrutura física, para destacar a lógica esportiva (Oliveira et al., 2019).

Vejamos como este Karate competitivo se materializou em uma prática em que acompanhamos.

Atividade: treinamento para competição

Pessoas envolvidas: atletas de todas as idades, pais, mães, namoradas(os), maridos/mulheres, professores/*sensei*

Materialidades: equipamentos de proteção, câmeras, celulares

Descrição da prática de treinamento: estavam presentes cerca de 50 atletas (assim considerados em função do seu papel social ocupado naquele momento, como pessoas que iriam em breve competir em diferentes campeonatos). Havia uma algazarra na academia. O “dojo”, compreendido como o local onde se treinam artes marciais japonesas, respeitado e repleto de significados, ganha ares de Koto (palavra usada para designar o local de competição). Na estante os inúmeros troféus e medalhas ganhavam olhares, destaque e histórias eram contadas sobre eles. Do lado de fora do Dojo/Koto ficavam os visitantes com seus equipamentos de foto e filmagem, em uma disputa pelo local com maior e melhor visibilidade.

Durante o treinamento via-se dedicação, suor, concentração e o aparente desejo de aperfeiçoamento (expresso pelas expressões de dor e pela observação cuidadosa dos movimentos pessoais que poderiam ser melhorados). Foi curioso destacar que o posicionamento dos pais e mães perante a performance dos filhos (entre 6 e 14 anos) pareceu mais competitiva que os próprios alunos durante seu treinamento. Expressões como “olhe meu filho

como está forte!”, “meu filho já está fazendo perfeitamente o movimento x”, “meu filho tomou um golpe, não chorou e continuou lutando”, “meu filho nem dorme direito, só pensa em treinar”, eram a tônica da quase “torcida” montada do lado externo ao Koto.

Em um desses momentos, em que um pai expressa seu contentamento com a performance do filho, o mesmo chega próximo a ele e, interrompendo a sua prática e sem pedir autorização para o *sensei* que conduzia as atividades, diz: “pai, você viu o golpe que dei? Ele tem três graduações acima de mim”. O que poderia soar como um desrespeito em uma aula convencional (falar durante a aula com quem está do lado de fora, demonstrar vaidade perante a performance, falar do colega de treino com doses de deprecição), ganhou o reforço do pai e um olhar discreto do professor que conduzia o treinamento.

Diário de Campo, fevereiro de 2019.

Ser forte. Suportar a dor em treinamentos, desde que direcione o atleta para a vitória, todos os enfrentamentos de situações dolorosas ou adversas podem ser algo bom. A coreografia do Karate naquele momento obedecia a lógica competitiva, deixando os valores tradicionais do Budô em segundo plano. Nesse sentido, as câmeras, as filmadoras e as redes sociais tornavam-se atores na distribuição e endosso dessa versão de Karate. Quantos “curtir” no Facebook determinado vídeo havia conseguido? Será que o atleta iria conseguir vencer a outra academia? E, se perdesse, como ficaria sua imagem? A imprevisibilidade dos efeitos dessas ações (postagem de fotos e vídeos) criaram mais e mais atuações intensas para serem filmadas e fotografadas. E ainda assim não era possível obter qualquer controle.

Este é um importante ponto de articulação, pois a prática não necessariamente diz respeito apenas às coisas que estão presentes fisicamente em determinados momentos e locais. Outras coisas estavam lá, como a história de vida dos atletas, suas famílias e expectativas, os símbolos antigos do Karate, entre tantos outros elementos.

Neste sentido chama a atenção a iniciação precoce ao alto-rendimento. Para Elenor Kunz (1994) o treinamento especializado precoce acontece quando crianças são introduzidas, antes da puberdade, a um treinamento planejado e organizado a longo prazo com o mínimo de três sessões semanais, objetivando o gradual aumento do rendimento, além da participação periódica em competições esportivas. Para o autor, os impactos da iniciação precoce são: formação escolar deficiente, reduzida participação em brincadeiras ou da oportunidade de conceber a atividade física como prazerosa e voltada ao lazer e, impacto direto na saúde física e psíquica.

Assim sendo, o Karate performado como competição destaca o treinamento, a lógica do ganhar e do perder, a melhoria contínua, nem que para isso preceitos caros ao Karate Budô tenham que ficar em segundo plano.

Karate Budô

As artes marciais de origem japonesas são regidas sob um código de conduta estruturado e restrito, que são chamadas de Budô, que, traduzindo literalmente, significaria ‘Caminho Marcial’. É uma escala de valores baseada nos ideais originais dos fundadores Gichin Funakoshi, Jigoro Kano e Morihei Ueshiba, responsáveis por difundir, o Karate no mundo (Stevens, 2005). No entanto, como são diversos os significados e interpretações sobre o termo, pode-se definir genericamente também o Budô como o ‘Caminho da Não-Violência’ (Lopes Filho, 2013).

Na prática do Karatê, performado como Budô, o local de treinamento assume a figura do Dojo, que possui relação histórica com o budismo e suas diferentes ações, ou seja, uma espécie de lugar místico onde se pratica o “caminho”. O Dojo, em termos estéticos e físicos, se assemelha a academia, mas deve ser considerado em um sentido mais profundo, em sua vinculação oriental, como o local preocupado com as questões do espírito, sendo assim um templo ou um santuário (Lowry, 2011).

Na prática da academia pesquisada, a lógica do Dojo se manifesta pela rígida hierarquia a ser seguida, dos praticantes mais graduados e experientes aos novatos, nos quadros na parede com inscrições em japonês, nas fotos envelhecidas dos mestres já falecidos e nas faixas antigas, dispostas em formato de caracol, que simbolizam a evolução da graduação no Karate do *sensei* principal da academia.

O local ganha contornos cerimoniais, desde a retirada obrigatória dos sapatos para entrada neste “solo sagrado”, ao cumprimento ao *sensei* principal com o tronco curvado, à referência ao Kamidana e aos antepassados simbolizados ali (altar em miniatura colocado no alto de uma parede). A lógica presente é a superação, a contenção do espírito de agressão e do aperfeiçoamento do caráter.

Se no Karate de competição a modalidade é um esporte, aqui o sentido é de arte marcial. Dos movimentos de defesas sendo um primeiro (e talvez principal) ataque. Da guerra psicológica (e do vencer a si mesmo primeiro), antes de pensar em vencer a um oponente. No Karate Budô os diplomas na parede, as fotos antigas e desgastadas dos antigos mestres, os objetos para o calejamento do corpo, as faixas coloridas que sinalizam o avanço na prática e, sobretudo, os princípios do Karate expressos no Dojo Kun (conjunto de regras a ser seguido pelos praticantes).

Atividade: aula especial com o *sensei* principal

Pessoas envolvidas: alunos que já eram faixa preta na modalidade. Poucas pessoas assistindo

Materialidades: destaque para as imagens dos antepassados, faixas, objetos de calejamento

Os princípios do karatê são normalmente recitados no começo e no fim das aulas no Dojo. O objetivo é reforçar para os praticantes a ideia de que a arte marcial é antes de tudo um instrumento de aperfeiçoamento pessoal, um modelo de perseverança e temperança, que se deve levar para a vida cotidiana. São os principais princípios do karatê:

Dojo Kun

Hitotsu: jinkaku kansei ni tsutomuru koto

(Primeiro: Esforço para formação do caráter)

Hitotsu: makoto no michi wo mamoru koto

(Primeiro: Fidelidade para com o verdadeiro caminho da razão)

Hitotsu: doryōku no seishin wo yashinau koto

(Primeiro: Cultivar um espírito de esforço)

Hitotsu: reigi wo omonzuru koto

(Primeiro: Respeito acima de tudo)

Hitotsu: kekki no yū wo imashimuru koto

(Primeiro: Conter o espírito de agressão)

Embora os princípios estejam organizados em uma determinada ordem, nenhum é mais importante que o outro. Essa comum importância fica evidente quando lemos Hitotsu (que significa primeiro) no início das frases, para que os praticantes não entendessem algum item como mais importante do que o outro.

O Karate performado como Budô destaca os rituais, o misticismo, os antepassados, os rigores do aprendizado, a hierarquia e o respeito ao *sensei*, colocando o treinamento como um “caminho sem fim”. Não é um lugar para fugir das dificuldades da vida, mas sim um lugar em que se pode conectar-se consigo mesmo, com seus antepassados, com toda a história envolvida no Karate, com os samurais e, sobretudo, um lugar onde se aprende a lidar com a própria vida. Tem-se assim, na prática, a ideia de que cada treinamento é único, uma oportunidade de aperfeiçoamento que só ocorrerá uma vez na vida, já que a próxima sessão de Karate Budô, por mais que seja conduzida pelo mesmo *sensei*, na mesma academia, no mesmo horário e com os mesmos alunos, será diferente. A

chance posta em cada encontro é de fazer o melhor em cada momento, em cada movimento, em cada interação. E na próxima aula, no próximo dia, nova oportunidade e tentativa. Se os praticantes aceitarem essa condição, nenhuma sessão de Karate Budô passará em vão.

Karate como oportunidade

Há, uma outra versão que circula nas práticas do Karate desta cidade, que está vinculada diretamente a “oportunidade”, que pode ser compreendida como: a) oportunidade de conhecer pessoas, lugares e culturas, tanto por meio de práticas associadas ao Budô, quanto a práticas associadas ao esporte competitivo; b) oportunidade de se profissionalizar e conseguir dar aulas após a formação na modalidade (obtenção da faixa preta) e; c) oportunidade de fugir da criminalidade e da violência em suas diferentes manifestações, sobretudo para os alunos advindos de projetos sociais.

Atividade: conversas com *sensei* de Karate (praticantes há mais de 10 anos).

Tudo que eu sou hoje, eu acho que veio do Karate, porque eu não consigo imaginar outra coisa, por questão de ter as amizades, de conhecer pessoas, até de conhecer outro país ou outras culturas eu não sei se talvez eu não estivesse no esporte, ou em uma vida comum, eu não sei se eu teria uma *oportunidade* como eu tive de conhecer lugares, conhecer culturas, aprender coisas. De ir para um campeonato e realmente perder, de aprender com a derrota, eu não sei se eu teria essa oportunidade em outro lugar. (Sensei R. Diário de Campo, fevereiro de 2019)

Eu comecei em 2008, quando eu voltei, eu fiz exame para faixa preta, aí logo em seguida já tive essa *oportunidade* de ir lá numa academia em Vargem Grande, aí que eu comecei a dar aula. Hoje também tenho minha academia. (Sensei L. Diário de Campo, fevereiro de 2019)

No projeto social as crianças veem o Karate como *oportunidade*, uma oportunidade que elas abraçam, aproveitam e tem medo de perder. E é onde que a criança, adulto ou adolescente que vem de traumas lá de trás, eles extravasam. Tem alguns que não tem trauma nenhum já nasceu com dom, não tem jeito, mas tem outros que é naquele momento que ele vai e diz: “puxa, é aqui que eu vou pôr para fora toda a minha mágoa”. E isso eu vivi na prática, porque as meninas que eu dava aula lá na ONG, tinham sido molestadas, tinham sido estupradas e aí eram tímidas, retraídas. Depois de um tempo de prática se transformam, mas quem faz isso é o esporte eu sou só o professor delas. E é por isso que eu acredito, no esporte, na arte marcial, na educação. (Sensei R. Diário de Campo, janeiro de 2019)

As falas recortadas de diferentes interações apontam para uma versão de Karate que pode possibilitar a ampliação de horizontes, seja quando se conecta ao Karate enquanto Budô, e todos os atores presentes nessa cena, seja quando se vincula ao esporte enquanto uma esfera competitiva. Nesta versão também fica clara a possibilidade de se profissionalizar, seja como professor ou empreendedor (abertura de uma academia). Por fim, destaca-se aqui a possibilidade de acesso a outros referenciais para além das diferentes manifestações da violência urbana da qual alunos e alunas dos projetos sociais se vinculam, por meio do aprendizado de uma modalidade de combate no qual se aprende a atacar e, sobretudo, se defender. Assim, na oportunidade, encontramos a ampliação de referenciais, sendo considerados práticas férteis para a ampliação dos horizontes que se tinha antes e que se possa ter depois da vivência no Karate.

DISCUSSÃO

A pesquisa sugere que não há um tipo único de Karatê, homogêneo, estável e permanente ou perspectivas diferentes sobre ele, mas que ele é múltiplo, produto das práticas nas quais está envolvido. Tal como nos aponta Annemarie Mol (2002) os objetos *são diferentes* nas práticas cotidianas e será nas práticas em que o mesmo será performado de modos distintos. Suas ações se movem como um fluido em que a *performance* conta com imprevisibilidades, indeterminações e complexidades. Como nos dizem Jonh Law e Annemarie Mol (2008), coisas boas e más acontecem, estão misturadas e são ambivalentes.

Também é importante dizer que seus modos de ser não se sobrepõem necessariamente uns sobre os outros, mas, às vezes, se alinham, colaboram entre si e, às vezes, podem se chocar. E o que torna o Karate múltiplo? Quais são seus modos possíveis de coordenação? Um dos modos de coordenar as diferentes versões é a tentativa de juntar suas complexidades, criando a omissão de suas controvérsias, problematizações e condições de produção. Uma prática que nos traz este ponto é a tentativa de omissão, entre as tensões do Karate performado como esporte, em comparação ao Budô.

Na pesquisa aqui realizada foi possível notar tal choque entre as versões a partir do treinamento de crianças. Estas se equilibravam entre o Budô e o esporte, na tentativa de corresponder a exigência sedenta dos familiares, que demandavam com suas câmeras, olhares e incentivos verbais a melhoria contínua para a performance no treinamento, que poderia levar a vitória (ganhar medalhas e troféus). Tal problemática é envolta por uma espécie de pacto de silêncio, um assunto delicado sobre o qual muitos não se atrevem a falar e, apenas com certa intimidade com os diferentes atores, é que se consegue captar estas versões em tensão.

Há também um processo de *colaboração* entre as versões. Neste sentido, o Karate performado como oportunidade parece “dócil” com as outras versões, já que se tornar um atleta de rendimento, um profissional ou empreendedor, buscar o aperfeiçoamento contínuo do caráter por meio do Budô, ou ainda, aprender a se defender das agruras da vida, não parece se chocar com as demais versões nas práticas das quais tivemos acesso.

Outro modo de coordenação se chama *distribuição*, apontando para as versões que podem conviver pacificamente desde que uma não tente ocupar o lugar da outra. Neste sentido, quando o Karate é um esporte, vê-se que as materialidades do local assumem ares de Koto, se evidenciando as medalhas e conquistas. No dia de uma competição ou de treinamento para um campeonato, todas as práticas se voltam para o Karate enquanto esporte. Neste sentido, se permite uma agressividade maior e vale, por exemplo, fazer “vista grossa” para os casos de indisciplina (atrasos, reclamações, vaidades) porque a vitória poderá gerar oportunidades de ordem financeira para o atleta, academia ou patrocinador.

Já no Budô, em aulas “especiais” com os *sensei* graduados, que ocorrem em outros dias e horários específicos, os objetivos mudam de figura. Há aqui a conexão com os antepassados, com a história, com o aperfeiçoamento contínuo pessoal. Retoma-se todos os elementos místicos do Dojo. No Karate Budô tem-se a lógica das aulas, em contraposição ao Karate enquanto esporte, que se tem a lógica dos treinamentos (técnicos, táticos e físicos). Ou seja, assim distribuídas, as diferentes versões podem coexistir sem ser contraditórias, sem dar a ideia de que se trata de uma modalidade distinta. Sem ser totalmente fragmentado.

Já o nome, Karate, é uma ponte que liga as diferentes versões produzidas pelas práticas, fazendo com que não se fragmentem. Contudo, tal modo de coordenação pode também acabar por estabilizar a multiplicidade, transformando a modalidade em algo aparentemente coerente, singular e ordenado.

Outro modo de coordenação, de acordo com Annemarie Mol (2002), é a *adição*. Aqui as versões são unidas como se fosse uma colcha de *patchwork*, ou seja, uma unidade formada por uma série de elementos com padrões distintos que, agrupados, formam um todo (Cordeiro, 2012). A adição aponta também para a formação de vários “es” que se agrupam. O Karate é um esporte e possui regras; é uma atividade física e visa, dentre outras coisas, o aperfeiçoamento de si mesmo; é uma oportunidade e pode se tornar um trabalho.

Os modos de coordenação (ou ordenação) entre as distintas versões de Karate estão situadas em certas práticas, às quais tivemos acesso, ou seja, não se pre-

tende neste estudo produzir uma coordenação única, totalizante e definitiva. Por fim, destacamos a importância de que a Psicologia do Esporte possa se apropriar de leituras não realistas sobre as diferentes modalidades, buscando compreensões a partir das práticas locais, sobre os diferentes atores e suas articulações, que fazem com que uma modalidade assuma figurações únicas.

REFERÊNCIAS

- Barreira, Cristiano Roque Antunes (2014). *Combate, uma arqueologia fenomenológica: da arte marcial ao MMA sob uma nova perspectiva em psicologia do esporte*. Tese de livre docência. Universidade de São Paulo.
- Camps, Hermenegildo & Cerezo, Santiago (2005). *Estudio técnico comparado de los Katas de Karate*. Alas Editorial.
- Camilo, Juliana Aparecida de Oliveira & Spink, Mary Jane Paris (2019). Versões de atletas de Mixed Martial Arts nas fases de preparação para um combate. *Psicologia & Sociedade*, 31(apr 04), 1-15. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31170235>
- Cordeiro, Mariana Prioli (2012). *Psicologia Social no Brasil: multiplicidade, performance e controvérsias*. Tese de doutorado inédita. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Cordeiro, Mariana Prioli & Spink, Mary Jane Paris (2013). Por uma Psicologia Social não perspectivista: contribuições de Annemarie Mol. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 338-356.
- Franchini, Emerson & Vecchio, Fabrício Boscolo Del (2012). Estudos em modalidades esportivas de combate: estado da arte. *Revista Brasileira de Educação Física e do Esporte*, 25, 67-81. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000500008>
- Frosi, Tiago Oviedo & Mazo, Janice Zarpellon (2011). Repensando a História do Karate no Brasil. *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*, 25(2), 297-312. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000200011>
- Guttman, Allen (1978). *From Ritual to Record: the Nature of Modern Sports*. Columbia University Press.
- Kunz, Elenor. (1994). As dimensões inumanas do esporte de rendimento. Porto Alegre: *Movimento*, 1, 10-19. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2004>
- Latour, Bruno (2000). *Ciência em ação*. Unesp.
- Latour, Bruno (2012). *Reagregando o Social*. Edufba.
- Law, Jonh. (2007). Making a mess with method. *Centre for Science Studies*, (March), 1-12. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.4135/9781848607958.n33>
- Law, Jonh & Mol, Annemarie. (2008). El actor-actuado: La oveja de la Cumbria en 2001. *Política y Sociedad*, 45(3), 75-92.
- Lopes Filho, Brandel José Pacheco. (2013). *Karate Budō: os valores no Caminho das Mãos para o Vazio*. Dissertação de mestrado inédita. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- Lowry, Dave (2011). *O Dojo e seus significados: um guia para os rituais e etiqueta das artes marciais japonesas*. Editora Pensamento.
- Mol, Annemarie (1999). Ontological politics: a word and some questions. *The Sociological Review*, 47, 74-89.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.1999.tb03483.x>
- Mol, Annemarie (2002). *The body multiple: ontology in medical practice*. Duke University Press.
- Mol, Annemarie (2008). *The logic of care. Health and the problem of Patient Choice*. Routledge.
- Oliveira, Marcelo Alberto de; Telles, Thabata Castelo Branco & Barreira, Cristiano Roque Antunes (2019). De Okinawa aos Jogos Olímpicos: o Karate. In: Katia Rubio (Org.), *Do pós ao neo olimpismo: Esporte e Movimento olímpico no século XXI* (pp. 327-348). Laços.
- Rubio, Katia & Camilo, Juliana Aparecida de Oliveira (2019). *Psicologia Social do Esporte*. Laços.
- Stevens, Jonh (2005). *Três Mestres do Budo*. Editora Cultrix.



JULIANA A. DE OLIVEIRA CAMILO

Psicóloga, mestre e doutora em Psicologia Social pela PUCSP. Pós-doutora em Educação Física e do Esporte pela USP. Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no curso de Psicologia (desde 2009) e da Universidade Paulista (desde 2007).

julianacamilo8@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3369-2878>

KATIA RUBIO

Professora associada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Bacharel em Jornalismo e psicóloga. Mestre em Educação Física e doutora em Educação (ambos pela Universidade de São Paulo) e pós-doutora em Psicologia Social na Universidade Autônoma de Barcelona. Coordena o Grupo de Estudos Olímpicos (GEO-USP).

katrubio@usp.br

<https://orcid.org/0000-0002-5632-6494>

FORMATO DE CITACIÓN

Camilo, Juliana A. de Oliveira & Rubio, Katia (2020). Reflexões sobre as versões de Karate em uma cidade metropolitana de São Paulo. *Quaderns de Psicologia*, 22(3), e1538. <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1538>

HISTORIA EDITORIAL

Recibido: 22-06-2019

Aceptado: 23-03-2020

Publicado: 11-12-2020